

Faculdades Integradas Rio Branco

O declínio retaliativo dos EUA e a ascensão da China: Os
problemas entre as superpotências.

Antonio Alves Silva Junior

Orientador: Pedro Donizete da Costa Junior

São Paulo

2015

Introdução.

Desde de a Segunda guerra mundial temos uma grande influência americana no sistema internacional. Com o fim da Guerra Fria essa influência americana só tem aumentado. Por outro lado, como um contra ponto temos a influência de alguns países emergentes como é o caso dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), porém irei me limitar sobre a China pois dentre esses é a nação que tem maior capacidade de influência tanto regionalmente como internacionalmente. Não irei me debruçar tanto para as questões dos BRICS pois o grande intuito é verificar essa ascensão da China e a hegemonia americana desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Sabe-se que a China comunista de Mao Tse-Tung era um grande aliado da URSS, e com os desentendimentos sino-soviéticos a mesma passou a ser uma grande aliada dos EUA por questões geopolíticas. Outros países já eram grandes aliados geopolíticos dos EUA em uma lógica de Guerra Fria, como o Japão e a Coreia do Sul que estavam entre os país comunistas da região asiática. Com essa relação sino-americana a China conquistou seu acento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas que antes era representado por Taiwan.

Hoje a china exerce uma grande capacidade de influência no sistema internacional, e tem como o principal parceiro comercial continentes inteiros como África e América do Sul, além de países como Austrália o próprio Estados Unidos. Comercialmente sabemos da importância da China no sistema internacional, mas por outro lado a mesma ainda está muito atrás em gastos militares em comparação com os EUA, mesmo sendo a segunda nação no ranking que mais investe em armamento militar.

Não é de se negar que a China tem uma enorme capacidade produtiva quando comparada com as demais nações do sistema internacional. É claro sua posição de 2º lugar das maiores economias do mundo. Por outro lado, ainda há um grande problema de distribuição de renda e má remuneração da força de trabalho e as questões de abertura política no país de partido único o PCC (Partido Comunista da China). Será realmente que os EUA está perdendo sua hegemonia no sistema internacional e a China está exercendo está

hegemonia? Na tentativa de responder essa pergunta que se desenvolve está pesquisa.

Apesar dos EUA ser uma democracia consolidada ainda passa por problemas étnicos / raciais, problemas como a imigração, problemas de má distribuição de renda pós crise de 2008 e claro a perda de credibilidade no sistema internacional pós intervenção no Iraque onde o país passou por cima do Conselho de Segurança e ficou atolado no país com o discurso de “guerra ao terror” do presidente George W. Bush.

Objetivos.

Partindo dos fatos de que desde o fim da Guerra Fria os EUA é a potência que vem exercendo uma maior influência no sistema internacional, estando presente em praticamente todos os continentes e que até a última década não se fala em uma nação que pudesse ameaçar a hegemonia americana. Por outro lado, o ressurgimento da China como um grande global player trouxe grandes dúvidas com relação a hegemonia americana. Fazendo com diversos autores debatessem sobre o assunto, dentre esses autores estão Giovanni Arrighi, Henry Kissinger, Perry Anderson, Immanuel Wallerstein dentre outros.

Sendo assim essa pesquisa tem como objetivo estudar os fatos ocorridos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, assim como as crises de Bretton Woods e o fim da Guerra Fria, e claro os fatos que tiveram grande relevância para as relações internacionais e que tem relevância até os dias de hoje para a conjuntura pela qual estamos passando.

Toda via essa pesquisa não se limita apenas para as questões de relações internacionais e geopolítica. Afinal essa pesquisa se estende para questões sociais e culturais que traçam uma característica de decisões político ideológicas entre China e EUA. Questões essas que tem como principal causa de alguns problemas que serão apresentados ao longo desta pesquisa e questões étnicas que em pleno século XXI infelizmente ainda são discutidas em nações desenvolvidas que se auto intitulam a nação mais evoluída, cujo o papel é de extrema importância para o sistema internacional. E por outro lado qual é o papel de uma potência em ascensão.

A China que faz barulho.

Fareed em seu livro já falava da China como uma grande potência antes mesmo de começar as expedições marítimas europeias. No ano de 1405 o almirante chinês Zheng He no tempo da dinastia Ming começou com sua tripulação uma expedição pelo oceano Índico e pelo sudeste da Ásia, ele contou com 317 barcos e 28 mil homens, mas na década de 1430 um novo imperador decretou que estavam proibidas as embarcações e dessa forma colocando um fim nas expedições. Nos séculos XVIII e XIX a China sofreu com a influência de potências imperialistas como a Inglaterra que detinha a cidade de Hong Kong e até mesmo Portugal que detinha a província de Macau, hoje já devolvidas a China. Em 1949 foi proclamada a República Popular da China por Mao Tse-tung, mas sua expansão e abertura para novos mercados só aconteceu na década de 1970 com Deng Xiao Ping, mesma década que o presidente Nixon visitou a China pela primeira vez junto com o secretário de estado Henry Kissinger. Hoje a China tem a maior população do mundo com 1,3 bilhões de habitantes (<http://www.worldbank.org/en/country/china>), já é a segunda maior economia e vem crescendo acima de 7,0% ao ano, mas ainda assim tem uma população relativamente pobre. A China um país de partido único o PCC (Partido Comunista da China) vem enfrentando manifestações não pela abertura política, mas sim por melhores condições de emprego e melhores condições de vida.

Em 1949 Mao Tse-Tung declara a República Popular da China expulsando os nacionalistas de Kowmitang para a região de Taiwan. A guerra da Coreia (1951) foi de extrema importância para as relações internacionais da época, pois foi o grande auge da Guerra Fria, momento que China e URSS se juntam ideologicamente contra o bloco ocidental capitalista. Olhando para a região asiática a China era uma grande potência estratégica, pois devido a Guerra da Coreia passou a ter uma grande influência na Ásia, de certa forma isso beneficiou potências como a Coreia do Sul que passou a ser estratégica para os EUA geopoliticamente.

Com a morte de Stalin as relações entre China e URSS ficaram cada vez mais complicadas devido ao não entendimento entre Mao e Gorbachev, pois diferente de Stalin, Gorbachev tinha uma postura muito mais reformista e assim que assumiu a URSS fez diversas críticas a forma como Stalin governava. Esses conflitos entre essas duas potências comunistas acabou levando ao fim das relações sino-soviéticas. Devido as dificuldades na questões interna e o descontentamento com o as políticas de Mao seus próprios companheiros do PCC planejavam um golpe contra ele, dentre eles estavam Deng Xiao Ping (para este momento Deng não é de muita importância na análise) e em 1966 Mao dá início a revolução cultural na China, onde incentiva um grupo de estudantes a continuarem com a revolução, pois alegava que no comunismo a revolução era continua e com isso os estudantes foram as ruas, o que infelizmente levou a uma guerra civil no país. Mao deu uma maior liberdade para os membros do partido criticarem o que não estavam de acordo e dessa maneira Mao sabia que estava contra ele, aplicando-lhes algumas punições. Ou seja, Mao tinha uma postura diferente de comunismo, de certa forma fazia de tudo para se manter no poder.

Em 1971 em uma viagem secreta Henry Kissinger (Sobre a China, 2011) faz uma viagem secreta a China para restabelecerem relações comerciais entre esses dois países, e logo em seguida o presidente Nixon também faz uma visita ao país. Afinal com o fim das relações sino-soviética passou a ser importante para os EUA. Já na década de 1970 a República Popular da China consegue seu assento permanente no Conselho de Segurança da ONU que até então era ocupado por Taipei, Taiwan a República da China. Levando a China comunista a ser um ator completo no sistema internacional e agora com poder de veto, tendo um maior peso diplomaticamente.

Com a morte de Mao anos mais tarde que assumiu o governo da República Popular da China foi Deng Xiao Ping que foi o grande responsável pela abertura chinesa, implantando a liberalização da indústria chinesa. Essa é o começo do que chamamos hoje de capitalismo de Estado. Giovanni Arrighi em seu livro Adam Smith em Pequim (2008) trata da desses ciclos de acumulação de capital da China e ainda cita o país como sendo a hegemonia do século XXI, muito diferente do que outros autores dizem. Gostaria de dar um

salto histórico para 1989 que foi um evento que marcou essa década, que ficou conhecido como a Praça Tian' anen, nesta ocasião a população estava protestando por uma maior liberdade econômica no país, e enquanto isso a mídia ocidental falava que a população foi a rua para protestar por uma abertura política do país. Porém tropas de uma outra etnia do norte da China foram convocadas para conter a população e infelizmente a praça ficou coberta de sangue e diversas pessoas foram mortas por estarem protestando por uma maior liberdade econômica.

Infelizmente a população chinesa naquela época era muito mal remunerada, vivendo com U\$ 00,32 por hora de trabalho, sendo assim diversas indústrias foram para a China devido custo mais barato de produção no país. Sendo assim a China passou a ser o chão de fábrica do mundo. Porém dessa forma o país com sua grande contingência passou a ter maiores oportunidades de trabalho, mesmo com a má remuneração, até porque a população assim como hoje tem uma expectativa de crescimento econômico. Mesmo sendo o grande problema da China naquela época era com a questão das commodities, pois a China é uma grande dependente de algumas matérias primas, e dessa forma passou a ter que importar commodities fazendo diversos acordos com países periféricos.

Em 1995 com a Criação da OMC (Organização Mundial do Comércio) a China notou que estava sendo prejudicada por ficar de fora devido a sobre taxa em seus produtos, e assim teve como objetivo número um a entrada na OMC tendo que fazer acordos com os principais países da organização. Os EUA o maior opositor levou para o congresso que aprovou a entrada do país na organização. A China iria entrar na OMC em 11 de setembro de 2001, mas por motivos maiores não entrou na organização nesta data.

Com a entrada da China na OMC a mesma passou a ter muitas vantagens tendo como seus principais parceiros comerciais EUA e Europa, o grande centro capitalista. E passou investir na África devido o continente ser um grande produtor de commodities desenvolvendo o continente e passando a influenciar os países africanos. O mesmo aconteceu com o Brasil e a América Latina, investindo nesses países em desenvolvimento, com o objetivo de ter

vantagens sobre os produtos desses países e ainda exportando para os mesmos.

Não muito diferente do Ocidente a China tem diversas etnias dentre elas a que ocupa maior parte do território chinês é a dinastia Han, por outro lado as demais dinastias não se consideram parte da China continental, esse é um dos motivos pelo qual a província de Taiwan não se considera chinesa e sim uma província livre. Já a China continental considera os mesmos como uma província rebelde, e o mesmo acontece com Tibete e Xingang que são dinastias totalmente diferente da dinastia Han, e que vivem buscando independência. Por outro lado, a população chinesa acredita que o governo chinês deve manter a China unida, pois o trauma da invasão por parte do Ocidente persiste até os dias de hoje nesta cultura milenar.

Diferente das potências ocidentais a China não tem uma religião que vem de longa data sendo espalhada pelo mundo, a grande influência cultural da China é o confucionismo, um filosofia originaria de Kong Fuzzi (ou “Confúcio 551-479 a.C, na versão latinizada”) o confucionismo trata as questões de harmonia sócias e foi adotado pela dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.) como a filosofia oficial de Estado, a filosofia de Confúcio era utilizada como quase uma "religião" e na época imperial era utilizada para exames difíceis como base nos textos do confucionismo, o domínio desses textos era a principal qualificação para a burocracia imperial chinesa e os sacerdócios eram encarregados de manter a harmonia por todo o império. Hoje há diversos institutos Confúcio espalhados por todo o mundo que levam a cultura chinesa para sociedades ocidentais, talvez esse é o instrumento que está sendo utilizada pela China para expandir sua cultura pelo mundo.

EUA em declínio?

Immanuel Wallerstein em seu livro “O Declínio do Poder Americano” (2004) já tratava dos assuntos que aqui irei apresentar, deixa claro que o autor cita quatro momentos que são considerados o fim da hegemonia americana, a revolução cultural de 1968; a guerra do Vietnã; a queda do muro de Berlin e o atentado contra as torres gêmeas de 11 de setembro. Gostaria de discorrer sobre esses fatos e depois apresentar minha opinião.

Não é de se negar a importância do poder americano durante a Segunda Guerra, essa nação além de ter um papel importante ao longo da guerra, teve um papel ainda mais importante com o pós-guerra nos acordos de Bretton Woods e na criação de algumas instituições como FMI (Fundo Monetário Nacional) e Banco Mundial. E claro não ter disputado a guerra em seu território.

Durante a década de 1970 chegaram a falar do fim da hegemonia americana com o fim dos acordos de Bretton Woods e com o primeiro choque passava por uma crise econômica. O país estava atolado no Vietnã, com gastos enormes com uma guerra que desgastou o exército americano com um grande número de mortos que surpreendeu a população que não era mais a favor da guerra.

Neste mesmo período ainda havia o movimento de contra cultura (movimento hip) que era contra os valores americanos de sociedade de consumo e o american way of life, ou seja, um movimento contra essa sociedade certinha americana. No fim da década de 1960 Martin Luther King Jr entre outros líderes com o movimento por direitos sociais no país da segregação racial onde os negros não tinham direito a voto.

Wallerstein diz que a queda do muro de Berlim é um dos marcos do fim da hegemonia americana, pois com o fim da URSS não era mais válido o discurso de caça às bruxas. O atentado a o World Trade Center em Nova York, marca o fim dessa hegemonia, pois de acordo com Wallerstein, nunca que a terra do Tio Sam poderia sofrer um ataque como este devido seu investimento em tecnologia militar e suas agências de inteligência. De qualquer forma esse fato abalou o mundo.

Voltando para o pós-guerra algumas regiões passaram a ser estratégica para os EUA com o início da Guerra Fria, como explica José Fiori em seu livro "O Poder Americano" (2004). Países como Japão e Alemanha passaram a ser importantes geopoliticamente devido estarem próximos a potências comunistas e assim seriam pesos importantes para o capitalismo em suas regiões e na guerra ideológica era de extrema importância que os mesmos se estivessem bem em suas respectivas regiões. Dessa forma Fiori diz que o que esses países

são hoje é justamente porque para hegemonia americana era de extrema importância.

Partindo dessa perspectiva de Fiori o mesmo aconteceu com a China devido seu afastamento com URSS, os EUA perceberam que ter a China no seu lado seria interessante em uma lógica de Guerra Fria, e dessa forma foram retomadas as relações sino-americanas.

Na década de 1980 foi implantado o neoliberalismo nos EUA com Ronald Reagan tirando o país da crise, nesta mesma década ninguém conseguia prever, mas a Guerra Fria estava próxima do fim e a ordem internacional liberal já estava sendo desenhada coma a queda do muro em 1989 e o fim da URSS em dezembro de 1991. Um dos momentos que marca o fim da Guerra Fria foi o descongelamento do Conselho de Segurança com EUA e Rússia votando juntos a favor da intervenção na guerra do Kuwait. O presidente norte americano George H. Bush (Bush pai) soube articular o fim da URSS pois sabia que naquele momento seria importante não comemorar o fim da guerra ideológica para evitar algum tipo de revanchismo. Por outro lado, os EUA também saíram quebrado economicamente e em 1993 Bill Clinton assume a presidência americana com um discurso voltado para a economia interna a campanha "it's the economy stupid", pois neste período o Japão já era a segunda maior economia enquanto os EUA estavam com problemas no sistema de saúde, dentre os países desenvolvidos era o que tinha o menor índice de educação. Clinton conseguiu reajustar a economia americana.

Porém na questão internacional Clinton fez diversas intervenções com força militar americana sem passar pelo Conselho de Segurança, mas de qualquer forma tinha o apoio dos principais aliados para não agir unilateralmente em defesa da democracia e dos direitos humanos que são bases fundamentais na nova ordem mundial liberal americana. Além disso nenhuma dessas intervenções foram planejadas, todas foram advindas e precisavam de atenção especial no momento.

O presidente que assumiu logo em seguida foi George W. Bush, passou por um momento difícil com o atentado de 11 de setembro de 2001 que abalou a sociedade americana e o mundo. Mesmo dada em que a China iria entrar na

OMC, como já foi citado. Bush fez apenas uma intervenção, mas por outro lado passou por cima do Conselho de Segurança e agindo unilateralmente. A famosa “guerra ao terror”. Perry Anderson em seu texto “força e consenso” fala sobre as investidas dos EUA no Oriente Médio levaram ao ataque contra as torres gêmeas devido a tentativa dos EUA de moldar os Oriente Médio.

Além da guerra ao terror Bush saiu do seu governo levando os EUA a maior crise econômica desde de a grande depressão de 1929. Michael Moor em seu documentário "Capitalismo: uma história de amor" onde ele mostra como o capitalismo foi algo que prejudicou a população americana e o caos que foi gerado graças à crise de 2008. A população perdeu seus empregos, suas casas e o pior de tudo sua dignidade, enquanto isso os bancos lucravam com seguro por morte de funcionários, casas que eram vendidas em leilão que os donos não conseguiam pagar e o capital especulativo. Porém quando a bolha imobiliária estourou junto com a crise em 2008 os bancos também foram afetados, mas a população foi quem pagou o preço por tudo isso. A saída que o governo encontrou para salvar os bancos privados foi injetar o dinheiro que era usado para investimento para população em bancos privados e essa foi uma prova de que o sonho americano está cada vez mais longe de ser realizado e além do declínio internacional a terra do Tio Sam também passa por um declino interno.

Além dos problemas econômicos os EUA vêm passando por uma onda de assassinatos contra jovens negros, o caso mais famoso é do garoto Michael Brown que foi morto por policiais brancos em Ferguson, Missouri. Essa onda de assassinatos levou a uma grande onda de protestos contra a violência usada pela polícia contra a população negra. Além dos problemas étnicos raciais ainda há um grande preconceito com imigrantes latinos e muçulmanos por parte dos conservadores.

Métodos.

Os métodos e procedimentos utilizados para este trabalho foi a aplicação de análise em cima dos fatos descritos em obras literárias, contrapondo as ideias de alguns autores e mostrando minhas próprias conclusões sobre o tema. As obras literárias foram de extrema importância

para aumentar a o conhecimento com relação a geopolítica e as questões internas que influenciam internacionalmente, e as questões internacionais que tem reflexo na questão interna.

O grande intuito deste trabalho é aplicar algumas das teorias de relações internacionais e de economia política internacional para explicar os fatos e explicar quais são as consequências desses fatos para as relações internacionais. Ou seja, o que pode vim a afetar a hegemonia americana e o crescimento chinês. Duas potencias que tem um enorme poder de influenciar no sistema.

Resultados.

Os resultados que foram obtidos neste trabalho é que os EUA têm um enorme poder de influenciar nos assuntos internacionais, detentor da atual ordem liberal capitalista tem a capacidade de criar crises no sistema como escreveu Fiori e através dessas crises se reerguer. A China deve parte de seu crescimento a sua abertura comercial, porém ainda é dependente de alguns produtos de commodities, mas este não é o principal problema, mas sim a má remuneração de sua força de trabalho que é bastante afetada.

Com relação a Immanuel Wallerstein o mesmo estava certo sobre o movimento hip dos anos 70, o american way of life não encanta hoje em dia quanto encantava no passado. Hoje o grande centro capitalista não está mais com seu poder de influenciar com a imagem de sua cultura, ainda mais em tempos de crise, apesar do país estar aos poucos saindo da crise.

Quanto ao que foi o Vietnã, crio que isso não marcou um período de fim de hegemonia, mas sim um período em que os EUA estava realmente perdendo a guerra para um país pequeno e isso levou a revolta da população com relação a guerra. Na verdade, assim como Bush ocupou territórios no Oriente Médio justamente para mostrar seu poder e acabou não atingindo os resultados esperados.

A queda do muro de Berlin, era um forte indicio do fim da Guerra Fria e de qualquer forma que Wallerstein estava certo com ralação a o fim do discurso de caça às bruxas, mas por outro lado a guerra ataques contra grupos

extremistas é o que legitima algumas ações dos EUA, ou seja, o mesmo está sempre criando novos inimigos justamente para se manter como hegemonia no sistema internacional.

Os atentados as torres gêmeas foi o que motivou e legitimou os novos inimigos dos EUA. Na verdade, era o elemento que os EUA precisavam para mostrar seu poder militar no em diversos continentes e vender a imagem de potência de fundamental importância no sistema internacional, mesmo indo contra os direitos humanos, pois de qualquer forma acabam com diversas vidas e manter países em constante medo dos conflitos.

Dessa forma a atual ordem liberal criada pelos EUA é de extrema importância para o mesmo, pois gera um enorme benefício para o país. Quando a China a grande potência asiática é um país emergente que tem uma enorme influência no sistema internacional, por outro lado dentro da ordem internacional não um papel hegemônico global como os EUA, apesar de tamanha influencia. O país ainda é muito dependente de exportação para manter seu crescimento e os problemas de má distribuição de rendas é um dos grandes problemas que delimita o crescimento chinês.

Além do problema de distribuição de renda ainda há as políticas de filho único que de uma certa forma beneficia o governo, mas prejudica muito mais a população. A China exerce um grande poder de influência suprimindo parte do poder americano, mas superioridade americana ainda é muito maior comparado com a China.

Conclusão.

Os problemas internos de ambos os países não são fáceis de resolver, as questões étnicas raciais nos EUA já um problema que vem de longa data. Talvez o racismo seja um problema que não tem uma solução nos Estados Unidos, pois ainda há muitas famílias conservadores que implantam esse sentimento na população que tem a maioria branca na América, ainda há um problema dos estrangeiros na América que sofrem diariamente por não fazerem parte daquela nação, além do mais o governo americano não faz nada para ajudar essas pessoas, pois quando são apresentados projetos para o congresso grande maioria são vedados pela ala conservadora, porém dizem

que é o país da liberdade e da democracia, mas não aceitam pessoas de outras etnias ou costumes!

Partindo do ponto de vista do José Fiori os EUA é a grande hegemonia no sistema e dificilmente a mesma vai perder esses status, vivemos em um constante período de caos no sistema. Apesar da China ser um ator completo a mesma não tem o mesmo poder militar que os EUA e creio que é impossível uma divisão de hegemonia no sistema.

Diferente do que muitos pensam sobre a China de que a mesma vai ser a próxima hegemonia no sistema, creio que este é o momento chinês reflexos do que foi o crescimento devido sua entrada na OMC. Geograficamente a China está em uma região extremamente conturbada onde há disputas territoriais entre diversos Estados e a mesma com diversos problemas étnicos devido ao grande número de dinastias. Hoje já se sabe que a China já remunera melhor sua mão-de-obra, mas muitas indústrias estão migrando sua produção para regiões onde a mão-de-obra é ainda mais barata do que na China, além de muitas dessas empresas, de grande maioria americana estarem voltando para seus países de origem devido a crise que levou a uma queda nos salários dessas regiões.

Por outro lado, mesmo o sistema sendo algo caótico os EUA não garantem momentos de estabilidade e o mesmo não consegue se estabilizar internamente com os problemas sociais. Infelizmente não será dessa vez que iremos presenciar uma troca de hegemonia no sistema internacional, mas a China junto com outras potencias, os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul) vem tentando influenciar na ordem internacional. Dessa forma há um declínio relativo da hegemonia dos EUA e uma ascensão da China, ou seja, os EUA continuam influenciando, mas por outro lado, a China vem aumentando sua capacidade de influenciar.

Referencias

Livro – textos

- WALLERSTEIN, Immanuel - O declínio do poder americano, 2004.
- ZAKARIA, Fareed - O mundo pós-americano, 2008
- MARIA, Lúcia e Tércio - Geografia geral e do Brasil; Lúcia Maria, 2014.
- ARRIGHI, Giovanni – Adam Smith em Pequim, 2008.
- KISSINGER, Henry – Sobre a China, 2011.
- KISSINGER, Henry – Diplomacia, 1994.
- ANDERSON, Perry – A política externa norte americana e seus teóricos, 2014.
- ANDERSON, Perry – Força e consenso.
- ANDERSON, Perry – Balanço do neoliberalismo.
- HUNTINGTON, P. Samuel – O choque de civilizações.
- DOS SANTOS, Theotonio org – Os impasses da globalização.

Outras fontes:

- KING, Desmond - Balanço de uma presidência negra
<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1797>, 2015
- <http://www.worldbank.org/en/country/china>
- MOOR, Michael – Capitalismo: uma história de amor, 2009.